

Aspectos da disputa presidencial

22 JUL 1998

Newton Rodrigues *

O oficialmente, a campanha eleitoral está autorizada e Fernando Henrique Cardoso iniciou-a, na aparência, com pronunciamentos na Paraíba e Rio Grande do Sul. Na verdade, ela começou muito antes, pois desde que se iniciou a batalha pela emenda reeleitoral sua candidatura foi posta diariamente em foco. Lula, por sua vez, era candidato putativo desde a derrota de 1994, embora ele mesmo se dissesse avesso a isso. Meras palavras; tanto que foi obstáculo a todas as possibilidades de outro candidato partidário e, depois, às de uma frente concebida como de centro-esquerda.

Nem de longe, porém, se poderia comparar sua presença com a do principal adversário que, pelo posto que ocupa e a ação do sistema que o apóia, domina tranquilamente a exposição ao eleitorado. Há recursos e cacoetes de mídia capazes de garantir-lhe presença diária. A imagem do presidente, com chapéu de vaqueiro, comendo sanduíche, afagando criança, recebendo jogadores, comparecendo a cerimônias religiosas, etc., está sempre à vista. A palavra governo está quase arquivada: Fernando Henrique fez, Fernando Henrique fará, Fernando Henrique promete, etc., são cabeçalhos comuns. Dessa forma, têm

menor importância as preocupações atribuídas a rigores da lei eleitoral. Há meios e modos de compensá-los e, depois de alguns problemas criados na Justiça eleitoral, com acusações a José Serra, foram tomadas providências, entre as quais o custeio de viagens pelo PSDB, que não deverá ter dificuldades para isso, uma vez que os gastos da campanha presidencial pela coligação que o apóia estão orçados em R\$ 75 milhões, cinco vezes os previstos para Lula e mais de o dobro do planejado para Ciro Gomes.

Os principais problemas reeleitorais não estão nessa ordem de coisas e já se viu, em outras ocasiões, que a farta exposição na mídia é útil, mas insu-

ficiente. Jânio Quadros e Fernando Collor, entre outros, demonstraram isso. A vulnerabilidade da candidatura presidencial subsistente, apesar da vantagem registrada nas pesquisas, decorre do custo de vida, do desemprego

e do mau desempenho nas questões de assistência social. A campanha contra a falsificação de remédios e correlatos, por exemplo, embora útil e necessária, não dará para compensar politicamente os efeitos do descalabro verificado pelo governo, pois acontece em fim de mandato e suas raízes mer-

gulham em anos da gestão atual. Além disso, os corretivos não terão efeitos imediatos, salvo quanto a multas e indiciamentos judiciais. Um problema sério é o da credibilidade nas promessas depois da mudança do presidente, em relação ao candidato. E não deixa de preocupar a hipótese de nova crise exterior e de seus efeitos em nossa economia globalizada. No caso da Coreia do Sul, medidas imediatas evitaram o pior, embora a custo que reduz as condições de enfrentar novo surto do gênero.

Do ponto de vista estritamente eleitoral, há dificuldades operacionais. As divergências entre os partidos aliados, em torno da figura presidencial, têm sido difíceis de contornar e chegam a ser incontornáveis, como em São Paulo, onde Mário Covas o menos que pede para Maluf é o camburão. Em outros estados o problema se repete, como no Rio de Janeiro e Minas Gerais, onde Fernando Henrique proclamou sua confiança na vitória de César Maia, e ajudou a apalpar o caminho de Itamar Franco, prejudicando os candidatos tucanos. Em outros pontos do País a situação é idêntica e os interesses contrariados devem manifestar-se com maior virulência no decorrer da campanha, na qual partidos aliados quanto à Presidência estão em dura disputa na luta pelos governos estaduais, senatorias e bancadas de deputados. Em doze deles a



polarização é intensa, com tendência a um só turno, mas em outras quinze unidades federativas a segunda rodada parece inevitável. Como o voto de cabresto perdeu importância, há maiores possibilidades de surpresas, inclusive na faixa do PMDB, no qual, enquanto a maior parte das lideranças forma com FHC, os inqueritos de base deram preferência a candidatura própria.

O candidato presidencial continua favorito, mas ciente de que um segundo turno importará em riscos, pois certas vitórias estaduais e o painel da futura composição do Congresso alterarão expectativas. Desde já, os peemedebistas governamentais, confiantes em eleger muitos dos governadores e restaurar a maioria parlamentar conquistada em 1994, pleiteiam a participação no comando da campanha e presença na propaganda gratuita. As disputas no acampamento governamental restringem-se, por ora, a choques de patrulhas e seu acirramento dependerá do que venha a ocorrer nas próximas semanas.

Enquanto isso, Fernando Henrique Cardoso usufrui das delícias de enfrentar uma oposição que tem sido incapaz de capitalizar os descontentamentos, e parece achar que os marqueteiros políticos substituem lideranças capazes. A "frente de esquerda", além de fechar-se sobre si mesma, vai trocando o

"Lula lá" pelo "Lula light" e a redução da estrela símbolo do PT chancela essa transformação. O elenco de candidatos inexpressivos, com exceção de Ciro Gomes, à margem do duelo FHC x Lula, está faci-

A "frente de esquerda", além de fechar-se sobre si mesma, vai trocando o "Lula lá" pelo "Lula light"

litando a marcha presidencial, e a presença de Brizola, pretendente à co-presidência na chapa de Lula, em lugar de reforço, incentivou rejeições e criou sérios problemas, sobretudo no Rio de Janeiro, onde for-

tes setores petistas não apoiarão a candidatura de Garotinho, imposta pelo chefe do PDT. Lideranças capazes de aumentar as possibilidades oposicionistas, como as de Itamar Franco e José Sarney, foram postas de lado, também pelos erros próprios, e devem ficar à margem da peleja presidencial, em vista dos condicionamentos estaduais.

As possibilidades de Lula não estão extintas mas vão depender de reformulações de campanha e do crescimento de candidaturas de terceira via que levem ao segundo turno. Enquanto isso não ocorre, os batedores e Fernando Henrique já se dão ao luxo de insinuar um terceiro mandato na rota de Menem - já forçado a recuar - e Fujimori. Já houve quem preferisse melhores modelos.